

# **POVOADORES DE SANTO AMARO/SP NO SÉCULO XVI E XVII: A GRANDE FAMÍLIA DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO E SUSANA RODRIGUES.**

## **SETTLERS OF SANTO AMARO/SP IN THE 16<sup>TH</sup> AND 17<sup>TH</sup> CENTURIES: THE GREAT FAMILY OF MARTIM RODRIGUES TENORIO AND SUSANA RODRIGUES.**

Inez Garbuio Peralta<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo examina os primeiros povoadores do bairro de Santo Amaro/SP. Analisa documentos sobre o “entradeiro” Martim Rodrigues Tenório, suas atividades econômicas e sociais, características de uma região periférica à economia colonial. Nessas condições a “entrada” para o “sertão,” onde se encontram as riquezas minerais e a reserva de mão de obra indígena, é uma opção. A Inquisição observa e atua.

**Palavras-chave:** Santo Amaro SP; povoamento; entradas; inquisição.

### **ABSTRACT**

This article examines the first settlers of the Santo Amaro/SP neighborhood. We present documents of the “entryway” Martim Rodrigues Tenório, his economic and social activities, characteristics of a region peripheral to the colonial economy. Under these conditions, the “entry” to the backcountry where the mineral wealth and the reserve of indigenous labor are found is an option. The Inquisition observes and acts.

**KEY WORDS:** Santo Amaro/SP, settlements, entry, Inquisition.

---

<sup>1</sup> Formada em Pedagogia e História. Mestre e Doutora em História pela Universidade de São Paulo - USP. E-mail: <inezgperalta@gmail.com>

## Introdução

Santo Amaro - Ibirapuera, Jurubatiba e Pinheiros estavam próximos à rota dos primeiros europeus que se dirigiam para Piratininga desde o século XVI. Em caso de viagem fluvial, esses primeiros povoadores e religiosos seguiam pelos rios Grande e Pinheiros, acercando-se, portanto, da povoação de Ibirapuera - Santo Amaro<sup>2</sup>. Três séculos depois, em 1841, a Câmara municipal de Santo Amaro confirma que “pelo distrito deste município passa uma estrada ramo da de Santos, vindo de Cutia por esta Vila a sair na Freguesia de São Bernardo”<sup>3</sup>.

Vários portugueses se estabeleceram na Vila de São Paulo, na região de Santo Amaro, contudo pesquisar e nomear todos, que no século XVI e XVII, se instalaram nessa região é tarefa praticamente impossível.

## Primeiros povoadores

Além de muitos portugueses, como Pero Dias<sup>4</sup>, casado com Terebê, outras nacionalidades se instalaram no Termo da Vila de São Paulo, entre elas espanhóis, como Martim Rodrigues Tenório. As fontes deixadas por Martim Rodrigues, bem como o seu Inventário, nos

---

<sup>2</sup> O Distrito de Santo Amaro, juntamente com os distritos de Campo Belo e Campo Grande, com uma extensão de 37,5 km<sup>2</sup> compõem a Subprefeitura de Santo Amaro. Embora o distrito possua poucos quilômetros quadrados (15,7 km<sup>2</sup>), o termo Santo Amaro/distrito e bairro, dá identidade a um amplo espaço territorial.

<sup>3</sup> FUNDO ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO - FCGP/FALP 033. CF 41,104.1- Relatório para o Presidente da Província, apresentado na sessão da Câmara Municipal de Santo Amaro em 04/12/1841

<sup>4</sup> O irmão Pero Dias, ainda noviço da Cia. de Jesus, recebeu autorização do padre Nóbrega para se casar com a princesa Terebê, filha de Tibiriçá, cacique da tribo dos guaianases, batizada posteriormente com o nome de Maria da Grã, homenagem ao padre Luiz da Grã.

possibilitam uma visão histórica de Santo Amaro, como parte de São Paulo, no século XVI e XVII, dada a riqueza de informações.

Desconhecemos a data precisa de sua chegada na região de Santo Amaro. Martim casou-se, na segunda metade do século XVI, com a viúva Susana Rodrigues.

O casal Suzana Rodrigues e Martim Rodrigues Tenório tiveram quatro filhas: Maria Tenória, Ana de Veiga, Elvira Rodrigues e Susana Rodrigues. Foram filhos “*bastardos*” de Martim Rodrigues, Joana Rodrigues, Diogo e Pedro Tenório. Martim Rodrigues afirmou, em seu testamento, ter alforriado, de “comunidade” (isto é, de acordo) com sua mulher, dois filhos que nasceram no sertão.<sup>5</sup>

Suzana Rodrigues, desposara, em primeiras núpcias Damião Simões, do qual teve um filho com o mesmo nome do pai.

No inventário do primeiro marido de Susana, Damião Simões – Sapateiro, feito em 14 de março de 1578, na vila de São Paulo, na casa de Balthazar Rodrigues – declarante e juiz Ordinário da Vila, informou o juiz que a viúva andava prenhe e que o defunto lhe havia dito que deixava a “terça”<sup>6</sup> para sua mulher. Balthazar Rodrigues, irmão de Suzana Rodrigues era, portanto, tio de Damião Simões filho.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> MACHADO, Alcântara. Vida e Morte do Bandeirante. São Paulo: Martins, 1953; p.163.

<sup>6</sup> Terça: a metade dos bens que cabe ao defunto, é dividida em 3 partes iguais: 2 partes são divididas igualmente entre os herdeiros e a outra, chamada terça do defunto ou terça do testador.

<sup>7</sup> [http://www.projeto\\_compartilhar.org/SAESPp/damiaosimoes1578-subsídios\\_genealógicos\\_de\\_Bartyra\\_Sette\\_e\\_Regina\\_Junqueira](http://www.projeto_compartilhar.org/SAESPp/damiaosimoes1578-subsídios_genealógicos_de_Bartyra_Sette_e_Regina_Junqueira). Acesso:07.03.2022.

O irmão de Susana pertencia à categoria de “homens bons” da sociedade/República da Vila de São Paulo. Esteve sempre presente em “ajuntamentos” realizados pela Câmara para resolver problemas locais, além de ocupar os cargos de Juiz, Procurador do Conselho da Câmara, “Amotacél”<sup>8</sup>, vereador e “Mamposteiro”<sup>9</sup>, na segunda metade do século XVI.

Damião Simões (o pai) deixou para a viúva e filho uma casa, escravos, bacias de estanho, o ofício de sapateiro com tinteiro e todos os seus aparelhos, canos de botas, foice e outros bens conforme seu Inventário. Muitos dos bens deixados pelo finado e avaliados, legalmente, foram arrematados em pregão por diversos compradores, entre eles Afonso Sardinha.<sup>10</sup>

O inventário prolongou-se por alguns anos. Em 30 de julho de 1589 Balthazar Rodrigues, com o órfão, apresentou-se diante do Juiz Ordinário e dos Órfãos da Vila, Diogo Fernandes, juntamente com Martim Rodrigues Tenório que requeria a guarda do menino. O Juiz entregou o garoto à Martim por tempo de dois anos.

Dois anos depois, em 30 de setembro de 1591, foi chamado Gonçalo Fernandes – o velho, sogro e fiador de Balthazar Rodrigues

---

<sup>8</sup> Almotacél - termo de origem árabe - antigo inspetor da Câmara. Encarregado da execução das Posturas de fiscalizar a aferição de pesos e medidas, fixar os preços dos comestíveis e zelar pelo asseio e polícia das povoações.

<sup>9</sup> Mamposteiro dos cativos – cargo criado para a arrecadação de bens ou valores advindos de esmolas, penas, resíduos ou valores deixados em testamentos, destinados a recuperar a liberdade dos prisioneiros de guerra chamados cativos. Esse cargo foi extinto em 1775.

<sup>10</sup> <https://sao-paulo-estadao.com.br/blogs/blog-da-garoa>. Inventario de Damião Simões. Acesso em 06.03.2022.

que havia saído da Vila, perante o juiz, para acertar parte do pagamento que deveria repassar para o padrasto. Martim Rodrigues Tenório jurou servir de curador aplicando tudo em proveito do órfão e declarou que seu enteado estava aprendendo o ofício de barbeiro com Antônio Rodrigues em São Vicente. Damião filho estaria então com cerca de 13 anos.

Martim preocupou-se em resolver a questão da herança de Damião. Em 27 de dezembro de 1601, afirmou que Damião já era um homem para se casar ou se emancipar e poder reger sua fazenda, isto é, suas posses. Assim requeria as peças (índios) que pertenciam ao seu enteado para entregar-lhe quando ele as reivindicasse. Essa decisão teve a concordância de Damião. No ano seguinte, em 11 de maio de 1602, Martim entregou as peças para Damião, antes de partir, em bandeira, para o sertão.

O órfão havia permanecido sob a tutela de seu tio, irmão de Susana, pois não era comum o padrasto ficar com os enteados. Normalmente, quando uma mulher enviuvava, seus filhos menores ficavam com um tutor indicado pelo Juiz de Órfãos. A Coroa portuguesa era contra a permanência de menores com padrastos.

Damião Simões Filho, com cerca de 24 anos, declarou que tinha carta de emancipação e que recebera sua herança das mãos de seu padrasto e se dava por satisfeito. Em seu testamento feito em 12 de novembro de 1632, ele se declara solteiro, filho de Damião Simões e de

Susana Rodrigues. O Inventário foi feito no mês seguinte, por ocasião de sua morte.<sup>11</sup>

Damião Simões Filho é considerado por Bartyra Sette e Regina Junqueira como o primeiro médico de Santo Amaro. Contudo não encontramos evidência dessa afirmação. Ainda conhecemos pouco a trajetória desse único filho de Susana Rodrigues. Ela teria outros descendentes, com seu segundo esposo, todas mulheres.<sup>12</sup>

Martim e Susana<sup>13</sup> foram protagonistas atuantes nos sítios e fazendas que possuíam em Santo Amaro, como muitos outros sertanistas conhecidos e que fizeram parte dessa família.

### **Atividades políticas e econômicas do sertanista Martim Rodrigues Tenório.**

Martim Rodrigues, ou Rõiz como aparece escrito nas Atas da Câmara da Vila de São Paulo, foi Procurador do Conselho no ano de 1594; em 06 de fevereiro, dia em que foi aberta a pauta e eleição vinda do mar, isto é, de Santos, Martim prestou juramento e assinou a ata. Já na sessão seguinte, no dia 12 desse mês, o Procurador fez vários requerimentos aos oficiais da Câmara sobre as Posturas da Casa, sobre a limpeza da Vila, de quantos em quantos dias se havia de fazer as Câmaras e ainda que se solicitasse ao capitão Afonso Sardinha que

---

<sup>11</sup> <http://www.projetocompartilhar.org/SAESPp/indiceSAESPp.htm>. Inventario de Damião Simões Filho.

<sup>12</sup> Casou-se em 1589, conforme PORCHAT, Edith. Informações históricas sobre São Paulo no século de sua fundação. São Paulo: Iluminuras Ltda. 1993, p.19.

<sup>13</sup> Susana Rodrigues, a mãe.

mandasse vigiar o caminho do campo por causa dos gentios. Todas as suas propostas foram aprovadas e encaminhadas para serem cumpridas.<sup>14</sup>

Em praticamente todas as sessões ou Ajuntamentos, isto é, reuniões com a presença de pessoas da Vila, Martim Rodrigues esteve presente, e com participação marcante em defesa da Vila de São Paulo. O Procurador esteve ausente em apenas 4 sessões durante seu período no ano de 1594.

Em fins de 1602, Martim partia na grande jornada de Nicolau Barreto, contudo já deixava duas filhas casadas.<sup>15</sup> Essa entrada, realizada sob a influência do sétimo governador geral do Brasil, D. Francisco de Sousa rumou em direção ao oeste, caminho do Peru.

Durante sua estada no sertão Martim fez um testamento, datado de 1603; voltou em 1604 para a Vila, permanecendo nela até 1608. Nesse período Martim não deixou de ter atuação política, participando de ajuntamentos, convocados pela Câmara, ou como vereador.

Sabemos que no decorrer do século XVI e primórdios do XVII a Vila de São Paulo, frequentemente, tinha parte de sua população deslocada para o sertão em busca de mão de obra indígena. Nessas incursões iam vereadores, procuradores, juízes, padres e outras pessoas. Assim, a Vila quase se despovoava. No ano de 1608 Martim Rodrigues

---

<sup>14</sup> Atas da Câmara da Cidade de S.P. 1562 a 1596, vol. I p.487/488.

<sup>15</sup> TAUNAY, Affonso de E. História das bandeiras paulistas. Tomo I, 2ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1961], p.32.

assumiu o cargo de vereador, pois só havia um edil na Câmara. Na sessão de 26 de abril, dois juízes ordinários e o escrivão eram os únicos oficiais presentes na Câmara, “... o juiz deu juramento dos santos evangelhos à Martim Rõiz, aqui morador para que servisse e acabasse este presente ano de vereador olhando pelo bem comum e pelo que a seu cargo se deve o que prometeu fazer porquanto saiu por mais votos, na eleição que sobre isso se fez...” na Câmara, a mando do capitão e Ouvidor Gaspar Conqueiro. O eleito deveria servir durante o ano de 1608.<sup>16</sup>

O novo vereador participou das sessões realizadas em 17 de maio, 14 e 28 de junho e 02/7/1608. Na sessão de 19 de julho, os oficiais afirmam que não haviam feito sessão em 10/07 porque Martim “*era ido a vila de Santos, 12 léguas desta Vila e levou chave da caixa e coisas que importavam*”. Nesse dia, 19/7, Martim esteve presente na sessão.<sup>17</sup>

Após 19 de julho, Martim Rodrigues não participou mais das sessões desse ano. Em agosto não se fez Câmara porque Martim Rodrigues “*ser fora*”. Em viagens constantes a Cubatão e Santos ele comprava e vendia vinho (em peroleiras) sal, tecidos etc.



Peroleira de barro, para guardar vinho, vinagre, mel, etc.

Peroleira de Barro –  
Belmonte. ‘No tempo dos bandeirantes’

<sup>16</sup> Atas da Câmara da Cidade de São Paulo, 1596 a 1622. Vol. II, p. 212.

<sup>17</sup> Atas da Câmara da Cidade de São Paulo, 1596 a 1622. Vol. II, p.215.

Novamente a Câmara ficava desfalcada e só com um vereador. A alternativa foi fazer um novo edil. Enquanto não se elegia um novo vereador a Câmara não realizava sessões. Os oficiais mandaram o escrivão fazer um termo justificando que não houvera sessões durante alguns dias, como manda o Rei devido Martim Rodrigues “*ser ausente e não se poder fazer vereador mais rápido e que nesse dia se fez*”. Era a despedida de Martim da vida pública da Vila de São Paulo. Mas o inquieto homem não se acomodou. Partiu para o sertão, embora a Câmara, em 16 de agosto de 1608, aprovara uma proposta do Procurador para que se lançasse um Pregão<sup>18</sup> proibindo os moradores da Vila irem ao sertão. A atração das riquezas, contudo, era maior que as proibições e o cargo de vereador, abandonado por Martim.

Em 1608 Martim foi eleito vereador e ainda comandou a entrada que desceu o Anhembi, conforme informa Taunay<sup>19</sup> para combater os Bilreiros, ou Caiapós<sup>20</sup> segundo Carvalho Franco<sup>21</sup>. Deve ter falecido em 1612, ano que foi feito seu Inventário.<sup>22</sup>

Um dado que caracteriza a atividade de Martim Rodrigues é a presença da mão de obra indígena. Esse elemento foi uma constante em Santo Amaro, no século XVII e XVIII. Foram os Tememinós,

---

<sup>18</sup> Pregão – Anúncio feito em voz alta, divulgação oral, para proibição ou ordem para os habitantes das vilas no Brasil, na época colonial.

<sup>19</sup> TAUNAY, Affonso de E. História das Bandeiras Paulistas, 2ª ed. Tomo I. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1961], p.31,32.

<sup>20</sup> Bilreiros ou caiapós- gentio que usa uma arma conhecida como bilro ou porrete ou ainda borduna Nação indígena que ocupava a região que compreendia o rio Tietê abaixo, indo para Mato Grosso e Goiás. Anais do Museu Paulista, tomo XXIII. Dados para a história dos índios Caiapós- Mario Neme.PDF.; em 06/09/1608 Martim Rõiz era ido ao sertão. Atas da Câmara, p.217.

<sup>21</sup> CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. Bandeiras e Bandeirantes. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940, p.48.

<sup>22</sup> PORCHAT. op. cit., 1993, p.19.

Tamoios, Tupiniquins, Guaianás e outros povos, os responsáveis pela produção agrícola local.

O casal possuía cerca de 18 escravos “*negros da terra*” (peças) entre homens, mulheres e crianças, uma dos quais de nome Pedro. Contudo Martim, em seus papéis, diz que gastou no mato:

*a primeira vez 34 dias 3 negros que são perto dos 102 mais outras vez tudo 46 dias a três negros cada dia que são perto de 138 e juntando-se as todas 240 peças que tenho gasto em esta demanda até hoje seis de junho de 1607 anos são por todos 240 serviços os que hei gastado um buscar essa gente encantada<sup>23</sup>*

Essa informação nos permite afirmar que Martim Rodrigues comercializava negros da terra, isto é mão de obra indígena. Atividade, aliás, exercida por outros membros da família de Martim como genros, netos e ainda por muitos habitantes da região.

Além dos escravos indígenas citados no Inventário, havia também mão de obra “*forra*”, os chamados gentios da terra.

A presença de negros africanos – Tapanhunos – era praticamente desconhecida em Santo Amaro nos séculos XVI e XVII, embora o negro já tivesse sido introduzido na Capitania por Martim Afonso de Sousa. Praticamente, o escravo negro só entrou em São Paulo nos primórdios do século XVIII, vindos de Angola, autorizado por D. João V, em 1709.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Apensos ao Inventário de Martim Rodrigues Tenório, p.75 (livro de assento).

<sup>24</sup> TAUNAY, apud RIBEIRO. In RIBEIRO, Maria da Conceição Martins. A vida urbana paulistana vista pela administração municipal-1562-1822. Barueri -São Paulo: Minha editora: 2011. p.15

No século XIX, constatamos uma presença significativa de negros africanos, em Santo Amaro.<sup>25</sup>

Legalmente a escravidão indígena era proibida, desde 1609, pela Lei de 30 de julho desse ano. Contudo, a escravização era permitida caso os indígenas se voltassem contra os colonizadores, conforme legislação de 1570. Abria-se, portanto, uma brecha para escravidão indígena. Assim, encontramos, nos Inventários e Testamentos de Santo Amaro: peças com avaliação e mão de obra “*forra*”. Esses indígenas “*livres*” eram muitas vezes, transferidos para filhos e netos. Em 1757 foi, legalmente, proibida a escravização de indígenas.

### **O Testamento e o Inventário de Martim Rodrigues Tenório**

Entre 1603 e 1608 Martim fizera um Testamento e o guardara em sua casa, em Ibirapuera (Santo Amaro). Contudo o documento ficou ocultado por vários anos e só foi revelado no decorrer do processo do Inventário.

Aparentemente nem Clemente Alvares, genro de Martim e com o qual realizava várias transações, sabia da existência do testamento.

---

<sup>25</sup> PERALTA, Inez G. O cemitério de Santo Amaro-segredos ainda não revelados. São Paulo: Edição do autor, Companygraf. 2018. E o artigo: Escravo, a mão de obra desconhecida em Santo Amaro. S. P., no século XIX. Revista em Sintonia. Ano X, Nº 110, dez. 2016. P.02 a 04.

Clemente Alvares, juntamente com Cristóvão de Aguiar, também saiu em bandeira em 1610.<sup>26</sup>

O Inventário e Testamento de Martim Tenório revelam as atividades agrícolas, produtos cultivados, mão de obra utilizada e posse de terra. Apresentam também os tipos de tecidos usados, utensílios domésticos, composição familiar, papel da mulher na sociedade rural paulista do século XVI e práticas religiosas como crenças e devoções. Citam ainda a literatura consumida por esse espanhol.

O Inventário de Martim com cerca de 20 folhas e o testamento com seis, nos revelam suas posses bem como suas atividades econômicas e religiosas. O primeiro feito, “aonde chamam Ebirapuera em 18 de junho de 1612” e concluído em 1618/19.<sup>27</sup> é um compêndio de informações.

O primeiro item do inventário, é: filhos.

A viúva de Martim, Susana, por ocasião do Inventário, depois de jurar sob os Santos Evangelhos, disse que tinha uma filha de 15 para 16 anos de idade por nome Susana.

Na verdade, o casal tinha uma filha solteira, as outras três já eram casadas, mas Susana Rodrigues – a moça foi a mais conhecida em Santo Amaro. As demais, embora de grande significado no desenvolvimento

---

<sup>26</sup> Atas da Câmara de São Paulo, 1596 a 1622. Vol. II, p.217.

<sup>27</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS: Vol. II, p. 18.

econômico e populacional da região de Santo Amaro, são pouco conhecidas.

Esse casal, com as quatro filhas nascidas no Brasil, se estabeleceu e contribuiu para o desenvolvimento populacional e econômico de Santo Amaro, naqueles anos, um bairro da Vila de São Paulo.

Inúmeros outros bens foram relacionados no Inventário. Apresentamos alguns deles: trajes femininos e masculinos de vários tecidos usados na época; sapatos e botas; ferramentas, foices, enxadas, martelo, machados; gado bovino 51 cabeças; 2 cavalos, 26 porcos, 8 leitões etc.

Martim possuía 4 livros, sendo 3 devocionários: “O retábulo da vida de Cristo”, “Instrução de confessores” e “Mistérios da paixão” e um de literatura profana, Crônica do Grão Capitão; Possuía também uma roça com carazal e uma roça com algodoal. Escrituras de várias terras; uma casa arrematada em lanço (leilão), o sítio com casas onde viviam etc.<sup>28</sup>

O patrimônio, avaliado em 180\$780 (cento e oitenta mil, setecentos e oitenta réis) foi todo entregue à viúva Susana Rodrigues pelo juiz, por julgá-la capaz de “governar sua casa e casar sua filha por ser já de idade para isso, e haver casado outras duas em ausência de seu marido e ela ... prometeu curar de sua filha e casá-la o melhor que puder...”

---

<sup>28</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. II, p. 33.

A viúva também prometeu cuidar do patrimônio da filha órfã e fazê-lo crescer como se fosse seu.

O juiz e os avaliadores que se deslocaram para Ibirapuera (Santo Amaro) por dois dias para fazerem o inventário tiveram seu trabalho pago por Susana mãe: o juiz recebeu 700 réis; os avaliadores ambos, 1.100 réis, e o escrivão 800 réis.

Em 1613 o vigário João Pimentel reivindicou e recebeu, cinco anos depois, em 1618, 6.000 réis; a Igreja, através do escrivão eclesiástico, ainda em 1613, reivindicou mais 9.000 réis.

O inventário não parou por aí; teve outros lances interessantes, graças à “*descoberta*” do testamento de Martim Rodrigues Tenório em 1618.

No ano seguinte, em 1619, Cornélio de Arzão, genro de Martim, mandou fazer diligências, para cobrar de Susana e de Clemente Alves, o testamento de Martim Rodrigues, pois ele fora feito há cerca de 16 anos e só apareceu nesse ano de 1618.

Susana confessou que o testamento, estivera todo o tempo em uma caixa, em sua casa, e que ela, buscando outros papéis, o encontrara. Afirmou ainda Susana que não tinha conhecimento do testamento e que só nesse ano de 1618 o encontrara.

Diz a viúva que Martim Rodrigues, “... depois de o fazer no sertão na jornada (entrada) de Nicolau Barreto, veio a esta vila à sua casa e o meteu em uma caixa com outros papéis...” A grande expedição de

Nicolau Barreto partiu para o sertão em fins de 1602 e dois anos depois, em 1604, regressava a São Paulo. Segundo Alfredo Ellis, mencionado por Taunay, Barreto teria atingido o oeste paranaense, no Piqueri.<sup>29</sup>

O testamento fora redigido aos 12 dias do mês de março de 1603 no sertão e rio do Paracatu.

Era comum nessa época, os testamentos começarem com o pedido de salvação da alma. O arrependimento era necessário para se chegar ao céu.

Diz Martim Rodrigues: “Primeiramente encomendo minha alma a Deus Nosso Senhor que a remiu com seu preciosíssimo sangue e morte e paixão e à Virgem Nossa Senhora sua bendita Madre rogo seja minha advogada e intercessora para que alcance de seu bento Filho perdão de meus pecados e me dê a glória bem aventurança amem.”

Na sequência, Martim Rodrigues afirma que era casado com Susana Rodrigues e tinha dela quatro filhas: “*Maria Tenória, Anna da Veiga, Elvira Rodrigues e Susana, legítimas as quais são minhas herdeiras.*”

Declara ainda Martim Rodrigues, que tinha mais uma filha bastarda, casada com José Brante, que se chamava Joana Rodrigues e que já lhe tinha dado juntamente com sua esposa “*cópia da fazenda*” com escritura. Informa também que tinha dois meninos bastardos que

---

<sup>29</sup> TAUNAY, A. de E. História das bandeiras paulistas. T.I, V.I, 2ª.ed. São Paulo: Melhoramentos, (1961), p.31.

“os houve no sertão, um de nome Diogo que, de acordo com sua esposa, já o tinha ‘forro’ libertado.”

Martim Rodrigues indica Clemente Alvares, como um de seus testamenteiros.

Para assegurar sua salvação deixa encomendado missas e orações e ainda oferta de dinheiro a grupos religiosos.

Após mandar que se rezasse 18 e mais 26 missas pela sua alma nas mais diversas igrejas, ordena que se tirem de “*sua terça*” quarenta cruzados para serem distribuídos em sete confrarias religiosas de São Paulo, de Itanhaém e à Santa Casa. Deixa também dois mil réis aos padres da Companhia de Jesus. Manda ainda pagar a todo aquele que cobrar, apresentando um recibo contendo sua assinatura.

Confiante em sua esposa, Martim Rodrigues, deixa por curadora e tutora de suas filhas, sua viúva “enquanto se não casar e casando-se deixo por curador delas meu genro Clemente Alvares...bem como dele confio.”<sup>30</sup>

Essa observação prende-se a legislação vigente que “*não permitia que a mãe, depois de contrair novas núpcias, permanecesse como tutora dos filhos.*”<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS: Inventário de Martim Rodrigues Tenório p.24/25.

<sup>31</sup> SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Org.) [et al.] História de São Paulo colonial. São Paulo: Editora UNESP 2009. p.70.

“O segundo casamento aparecia na sociedade de então como uma ameaça aos filhos do primeiro matrimônio, razão pela qual a lei proibia a presença física dos órfãos no novo domicílio da mãe, devendo eles morarem com o tutor.”<sup>32</sup>

Susana Rodrigues certamente era uma mulher forte e cuidava bem da “fazenda” do casal, como afirmou o juiz.

Embora não soubesse ler e nem escrever, Susana administrava as roças, a mão de obra e casou “bem” suas filhas nas ausências do marido “*entradeiro*”.

Muitas mulheres em São Paulo, e, portanto, também e principalmente em Santo Amaro, cuidavam da pequena lavoura, da subsistência e do futuro dos filhos e filhas.

A esposa e viúva do sertanista, que passou anos longe de sua casa, recebeu do juiz

toda a fazenda conteúda no inventario de seu marido por estar satisfeito dela, visto ser mulher para governar sua casa e casar sua filha, capacidade que já havia demonstrado, casando outras duas na ausência do chefe da família; e a viúva promete casar a rapariga o melhor que pudesse.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> IDEM p.70 e 71.

<sup>33</sup> MACHADO, Alcântara. Vida e morte do bandeirante. São Paulo: Martins, 1953, p.156.

Faz parte desse Inventário uma relação com roupas e sapatos que foram avaliados conforme sua qualidade. Desse rol destacamos os seguintes:

...um capote pardo usado guarnecido de bertanjol<sup>34</sup> valor 1\$500réis;

Um vestido de raxeta vendosa<sup>35</sup> guarnecido de passamane roupeta e calções, avaliado em 4\$000réis;



*Homem de ferragoulo de baeta (1610), p.24 Belmonte*

Um gibão de linho forrado e pespontado...1\$000réis

Um ferragoulo<sup>36</sup> de raxa de Florença guarnecido de passamane roxo...3\$200réis

Um saio de baeta<sup>37</sup> avaliado em 3\$000réis;

Umas botas de cordovão pretas usadas ...\$160réis;

Dois pares de sapato de cordovão uns brancos e outros pretos...\$100;

Umas botas de vaca ... \$400 réis;

Dois pares de sapato de porco \$200réis;

Outros sapatos de veado ... \$120réis;

<sup>34</sup> Bertanjol – tecido em algodão fabricado pelos negros nas cores preta, azul e vermelha. Era usado, antigamente, na África e na Ásia.

<sup>35</sup> Raxeta – tecido de lã rasa, sem pelos, com muitas cores e mesclado. Eventualmente era fabricado de modo doméstico em São Paulo. (ROPELATTO, 2015)

<sup>36</sup> Ferragoulo - espécie de capote com capuz e mangas curtas, de gola larga e pendente

<sup>37</sup> Baeta – tecido de lã ou de algodão grosseiro, com pelos nas duas faces, de textura felpuda. Capa de baeta, capa mais curta de tecido felpudo ou lã grosseira

Um chinelo de porco e outras de veado... \$200réis.

Na verdade, a família não ficou com muitos trajes de uso pessoal, em comparação com o rol de itens relacionados no Inventário de Maria Tenória, casada com Clemente Alvares. A riqueza deixada por ela supera muito a deixada por Martim não só em quantidade, mas também em qualidade e sofisticação das vestes.<sup>38</sup>

### **O Livro de assento de Martim Rodrigues Tenório**

Além do Testamento e do Inventário, outro documento fundamental para conhecermos um pouco mais as atividades agrícolas e as relações socioeconômicas locais, é sem dúvida, o Livro de Assento de Martim Rodrigues.<sup>39</sup>

O Livro de Assento de Martim, apenso ao Inventário dele revela um homem letrado. O autor escreveu parte em português e parte em espanhol, em forma de diário; nele encontramos as contas de materiais comprados e vendidos, empréstimos, seus devedores e credores, roupas e sapatos femininos encomendados para as mulheres da casa com sapateiros e alfaiates. Martim informa quando tomou batismo na Confraria de Na. Sa. do Carmo e ofertas monetárias que fez. Registra

---

<sup>38</sup> INVENTÁRIO E TESTAMENTOS, vol.44. Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia; Depto. de Artes e Ciências Humanas; Divisão do Arquivo do Estado de S. Paulo. S. P. 1997. Inventário de Maria Tenória datado de 1620.

<sup>39</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. II, pg.62

venda de escravos. O livro abrange os anos de 1601 a 1608. Enfim, trata-se de uma preciosidade histórica.

É nesse livro, que vimos citado, pela primeira vez o nome Santo Amaro, da Capitania de São Vicente. Consta nele a informação abaixo, datada de abril de 1605:

*“dei a Baltazar Gonçalves, mordomo de Santo Amaro de Birapuera dez arretéis de cera para a confraria por conta de Gaspar Candia dois reales e por conta de Gonçalves de Caña dois vintens e o mais por minha conta”<sup>40</sup>*

Diz ainda Martim que deve a Confraria de Santo Amaro duas missas e seis arretéis<sup>41</sup> de cera.

O santo era Amaro, mas o bairro ainda era Birapuera ou Ibirapuera e as terras pertenciam a Martim Rodrigues Tenório e sua esposa Susana Rodrigues, mãe de Susana a moça que depois casou-se com João Paes.

Como vemos, essa informação data dos primórdios do século XVII e pertence ao espanhol proprietário de terras em Santo Amaro, Martim Rodrigues, casado com Susana Rodrigues. Provavelmente Martim e Susana teriam sido os doadores da imagem de Santo Amaro, e não João Paes e sua esposa Susana.

A viúva Susana continuou trabalhando, com seus ajudantes indígenas, lavrando as terras e cuidando do patrimônio de sua filha

---

<sup>40</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. II, p. 62.

<sup>41</sup> Arrátel – antiga unidade de base de peso, equivalente a 459, 5 gramas

menor. Aparentemente não se casou novamente. Não localizamos seu inventário e nem testamento.

A herdeira da fazenda de Martim Tenório teve papel destacado na vida de Santo Amaro. Foi ela que pagou ao vigário de São Paulo, João Pimentel, pelos serviços prestados conforme declaração dele, a seguir apresentada:

*“Recebi de Suzanna Rodrigues como testamenteiro de seu marido Martim Rodrigues defunto que me pagou ... sete mil e quatrocentos réis para trinta e quatro missas e um ofício de nove lições... e por verdade passei este por mim assignado hoje o primeiro de setembro de 1619 anos. – O Vigário João Pimentel.”<sup>42</sup>*

### **As filhas de Martim e genros: representantes das atividades características de Santo Amaro, no século XVII.**

A prole de Martim Rodrigues Tenório cresceu e se multiplicou, graças aos “bons” casamentos organizados pelo casal e principalmente pela matriarca Susana Rodrigues, nascida provavelmente em 1560 e falecida entre 1624 e 1631. Em 21/02/1631 Susana já havia falecido.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. II; p. 42. Publicação Oficial do Archivo do Estado de São Paulo. 1920. Inventário de Martim Rodrigues Tenório.

<sup>43</sup> INVENTÁRIO E TESTAMENTOS. Vol. II, p.49. de Martim Rodrigues Tenório p.49

Susana Rodrigues, a órfã, citada no Inventário de 1612 foi, juntamente com suas irmãs e cunhados, povoadores de Santo Amaro, e seus inúmeros descendentes chegaram até nossos dias.

Como vimos pelas citações encontradas nos principais documentos consultados, Susana, a moça, nasceu em 1596/7, no Brasil. Em 1619 Susana ainda estava solteira pois, por ocasião do Inventário de seu pai, que se prolongou além de 1619, a viúva Susana, sua mãe a representou.

**Maria Tenória** a mais velha, casou-se com Clemente Alvares (Alves) em 1600 e faleceu em 1620. Seu Inventário foi feito em 22 de dezembro de 1620, na vila de São Paulo, em Santa Ana da Parnaíba, onde pousa Clemente Alvares onde chamam “tapitiga”. Pelo inventário de Maria Tenória podemos verificar o grande patrimônio que o casal possuía e certamente uma boa parte dele pertencia ao dote da primogênita do casal Martim e Susana Rodrigues. A relação dos bens avaliados no Inventário de Maria Tenória ocupa mais de 15 páginas. O casal possuía sítios com casas, várias roças de algodão, várias plantações de banana, milho, uva, amendoim, feijão, mandioca, cará e até trigo; gado bovino, cavalos, porcos; forja de ferreiro e inúmeras ferramentas. Entre louça branca havia sete pratos, uma porcelana da Índia e, ainda duas galhetas com sua salva e saleiro no valor de 700 réis. Havia também dois tachos de cobre usados que pesariam vinte e quatro arráteis no valor de 4.\$800 réis. Da relação dos 23 trajes masculinos e femininos avaliados, destacamos pelo seu alto valor os seguintes:

Um saio e saia de perpetuana<sup>44</sup> preta ...8\$000réis;  
 uma saia de pano azul escuro pano fino com uma barra de veludo verde...8\$000;  
 uma saia de pano fino azul já usada com barra de veludo largua labrada de branco azulado verde.....5\$000;  
 um vestido de mulher inteiro de tafetá pardo saio e saia e gibão tudo do mesmo tafetá pardo...9\$000;  
 um gibão de setim roxo com um passamane pardo e amarelo já usado...4\$000.

A vestimenta era, nessa época, um bem valioso. Enquanto as joias em ouro e prata atingiram o valor de 9\$710 réis, meia dúzia de vestes chegou a mais de 30\$000 réis.

Com relação a mão de obra, a relação de gente livre e forra ... para se poder servir deles...tratando bem e pagando seu salário na forma da lei de sua



*Trajes femininos*

p.26. *Belmonte* – 'No tempo dos Bandeirantes'

Majestade o rei, o total monta a 131 pessoas<sup>45</sup>.

<sup>44</sup> Perpetuana - tecido de lã delgado, durável e de várias espécies. Perpetuana estreita, perpetuana larga, e perpetuana ordinária, imperial, apicotada, tingida com cochonilla

<sup>45</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS vol. 44 p. p.35. Inventário de Maria Tenória.

O inventário de Maria Tenória, revela que ela possuía casas, sítio, sesmarias e várias outras terras na região de Santo Amaro. Transcrevemos a seguir alguns bens arrolados.

Itens relacionados e respectivos valores:

“Sítio em Bohi (M’Boi) com uma casa de palha com (plantação) de milharada e de mandioca em mil e seis sentos rés. \_\_ 1\$600 ...

... quasa e sítio de Ibirapuera – foi avaliado hu sitio com hua quasa de sobrado de dous lansos de telha o coal sitio e charcos ... (avaliado) ... quarenta e oito mil rés. \_\_ 48\$000

... **Dívida q o dito declarou ... diguo veuvo.**

... compra de terra q comprou Antão Pires em birapoera ...

Outra escritura de compra de terras a Belchior da Beigua e seu irmão em embohi a coal escritura é feita pelo tavalhão Antonio Rodrigues.

... outra escritura de compra de terras em birapoera q lhe vendeu Miguel

... Outra escritura de venda de hu quintal q lhe vendeo Martim Rodrigues em birapoera ...

**Termo de Cartas de datas de terras nesta vila e seus termos**

... Outra carta de data de terras de Sesmarias no lemite de ibirapoera...

Outra carta de data de terras de sesmarias de bohi rio arriba hua légua de terra ...<sup>46</sup>

Por ocasião do Inventário de Martim Rodrigues, Clemente tinha em seu poder cartas de datas das terras, uma certidão, e um maço de papéis amarrados, tudo pertencente ao seu sogro. No decorrer do Inventário, ele foi intimado por Cornélio de Arzão para botar todo o gado e mais criações que tinha nas terras que foram de Martim para entrarem na partilha e cada um saber o que lhe pertencia<sup>47</sup>.

Maria Tenória ao morrer deixou os filhos:

João Tenório, Martinho, Amaro Alves Tenório,

<sup>46</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS Vol.44. Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia. Departamento de Artes e Ciências Humanas, São Paulo: Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo. 1977. p. 23, 26, 27, 30, 31.

<sup>47</sup> Termo que requereu Arzão em 03/08/1624 - Inventário de Martim Rodrigues Tenório, p.44

Ana (Rodrigues), Bento, Antonio, Quelemente e Maria de idade de oito para nove meses.<sup>48</sup>

O marido de Maria Tenória, foi um homem de destaque na história de Santo Amaro.

Clemente Alvares, nascido em Santos, casou-se pela vez segunda com Maria Tenória em 1600. Foi mineiro prático e ferreiro. Em 02/11/1596 foi nomeado almotacel (cargo mensal), e em 07/01/1600, devido a desistência de Gaspar Cubas, os oficiais da Câmara, ordenaram que ele servisse também durante o mês de janeiro. No ano de 1606 Clemente Alvares, esteve presente na Câmara e deixou sua assinatura no livro de Ata.

Em 1610 Clemente Alvares e Custódio de Aguiar saíram a procura dos biobebas do oeste desobedecendo ordens da Câmara, por isso Clemente foi notificado, e por pretender levar a tenda de ferreiro para o meio dos índios dando oportunidades a eles de aprenderem o ofício, o que prejudicaria os interesses dos colonos.<sup>49</sup> Não foi só em busca de índios, mas também em busca de minas de ouro, prata e outros metais que conseguiu descobrir. Em 1624, na sessão/ajuntamento da Câmara de São Paulo realizada no dia 13 de abril, Clemente compareceu, e assinou a ata. No ajuntamento de 21 de novembro de 1624 cujo assunto foi o envio de pólvora para fora da Vila, Clemente fez coro com os que discordaram desse ato.

---

<sup>48</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol.44. Secretaria de Cultura. Divisão do Arquivo do Estado. Publicação Oficial. 1977. Inventário de Maria Tenória.

<sup>49</sup> Atas da Câmara de São Paulo, Tomo II, p 178

Assim como os outros dois genros de Martim, Cornélio de Arzão e João Pais, Clemente, além de participar de entradas no sertão, pois consta que ele gastou 14 anos em procura de minas, foi um homem atuante na vida pública da Vila de São Paulo. Faleceu em 1641.

Consta em seu inventário que o viúvo, casado três vezes, teve 11 filhos.<sup>50</sup>

**Ana da Veiga**, a segunda filha de Susana, casou-se com Teodósio Fonseca e recebeu o dote do pai, antes da saída da bandeira em 1602. Ana, falecida em 1612, deixou o filho Diogo, que foi levado pelo pai para o Rio de Janeiro.

Pouco sabemos de Ana da Veiga e de seu esposo Teodósio.

O dote de Ana, recebido por Teodósio era composto de:

... seis peças, três escravos e três serviços forros; um dos casais forros tinha dois meninos, um macho e uma fêmea; uma dúzia de vacas parideiras e um touro; uma poldra de dois anos que foi de Clemente Alvares; a terça parte de tudo que for de roça; a terça parte de porcos e criações de roça; um pedaço das terras que Martim possuía para que pudesse roçar onde Teodósio quisesse; casas onde Martim vivia na roça ou poderia lhe fazer outras; um lanço de casas de taipa de pilão que possuía na vila, ou 10 mil réis, dentro de um ano para construir casas na vila se ele não gostasse das casas oferecidas; um pedaço de chão que Martim possuía na banda de Santo Antonio para que Teodósio pudesse

---

<sup>50</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. XIV, Arquivo do Estado de São Paulo, 1920). PORCHAT, Edith. Informações históricas sobre São Paulo no ano de sua fundação. Ed. Iluminuras, 1993). p. 20 e 21.

fazer casas para viver na vila; a metade do estanho que o sogro possuía; meia dúzia de toalhas e guardanapos para mesa e a mesma quantidade de toalha de água para mãos; uma mesa de engonços; ... (algo) de vasquinha e gibão e seu manto para as festas da vila.

Theodósio da Fonseca afirmou que foi “*pago de todo o acima declarado que Martim Rodrigues me prometeu com sua filha em casamento e por ser verdade me assinei aqui hoje, 07 de março de 1602*”<sup>51</sup>.

**Elvira Rodrigues**, a terceira filha, casou-se com Cornélio Arzão, chegado na Vila de São Paulo em 1609, depois da saída de Martim em sua bandeira de 1608. Em 1612 já estavam casados.<sup>52</sup>

Cornélio de Arzão foi o genro de Martim Rodrigues que teve papel de maior destaque, não só em suas terras de Santo Amaro, bem como em Santos. Além das terras e sítios junto à Embu, da banda de além rio Jurubatuba; possuía casas em Santos avaliadas em 70\$000 réis e várias ferramentas para prensar metal. Era ainda proprietário de metade do Engenho de Ferro de Santo Amaro. Todo seu cabedal, contudo, foi tomado pela Inquisição. Por ocasião de seu casamento com Elvira, conforme declaração de viúva, Cornélio de Arzão recebera: um grande dote composto por: escravos índios (negros); roupas de cama e mesa como colchão, lençóis de pano de algodão, cobertor, travesseiro,

---

<sup>51</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. II, p. 30 e 31.

<sup>52</sup> Cornelius Arzam, natural de Flandres, chegou a Salvador em 1591, juntamente com inúmeros outros técnicos, mestres de obras, construtores, engenheiros, arquitetos e pedreiros especializados.

almofada, toalhas de mesa de pano de algodão, guardanapos, toalhas para as mãos, cadeiras de estado; uma roça de um ano e um algadoal. E mais, Susana mãe lhe prometera 24 cabeças de gado vacum, a metade da criação de porcos que tivesse. E ainda lhe dera um cavalo preto manso e uma poldra russa brava.

O vestido que a Elvira levou fora dado por seu pai Martim Rodrigues.

Como podemos ver era um bom começo. Pena que a Inquisição tomaria tudo dele.<sup>53</sup>

Pelo Inventário de Martim, Cornélio de Arzão deveria ficar com o Pedro, filho bastardo que o defunto deixava, para ensinar-lhe o ofício de carpinteiro.

Em 1624 Cornélio Arzão passou também a ser curador de seu sobrinho, Diogo, filho de Teodósio Fonseca e de Ana Veiga.<sup>54</sup>

Nesse ano Cornélio pede à Justiça para notificar Clemente Álvares para entregar os títulos de datas de terras que estavam lançadas no Inventário de Martim Tenório para saber a quem deveriam pertencer.<sup>55</sup>

**Susana Rodrigues** - a moça, a quarta filha de Martim, ainda era solteira por ocasião do testamento, em 1603, bem como do Inventário do pai (1612 até 1619).

---

<sup>53</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. II., p.13 e 14

<sup>54</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. II, p. 37, 06/03/1624

<sup>55</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. II, p. 40

**Outros filhos** de Martim Tenório: Pedro, Diogo e Joana Rodrigues (filha de Martim com uma índia).

O bisneto de Joana, Miguel Peres da Silva aproximou-se novamente da família casando-se com Inês Monteiro, descendente distante de Belchior de Borba e Ana Rodrigues de Arzão, filha de Elvira Rodrigues e Cornélio de Arzão.<sup>56</sup>

Martim não deixou os filhos ilegítimos desprotegidos. Como, legalmente não tivessem direito à herança do pai, este procurou garantir a sobrevivência dos três. Joana já casada com José Brante recebera parte dos bens de seu pai, por ocasião de seu casamento, com o consentimento da esposa de Martim.

Com relação ao filho bastardo, segundo o Inventário:

*“...moço Pedro que o defunto deixa por seu filho fica entregue à Cornélio de Arzão para o ensinar o ofício de carpinteiro de que tinha princípio e o dito Cornélio de Arzão se obriga a dá-lo ensinado de seu ofício dentro de quatro anos perfeitos e acabados para que no cabo do dito tempo o dito moço possa ganhar sua vida por seu ofício de maneira que possa trabalhar e ganhar sua vida sem empacho de nada...”*

---

<sup>56</sup> MEDEIROS, Décio Martins e JUNQUEIRA, Regina Moraes. Os Borbas Gatos em São Paulo – séculos XVII e XVIII. Revista da ASBRAP, nº16. PDF

O filho Diogo, conforme declara Martim em seu testamento, ele “...*de comunidade com sua mulher Susana Rodrigues*” o haviam alforriado.<sup>57</sup>

Susana deveria ficar ainda como curadora dos filhos bastardos e se ela não quisesse aceitar, Clemente Alvares deveria sê-lo. Diz Martim “...*e o que for os doutrinará e como forem de idade os mandarão ensinar a ler e escrever e depois Clemente Alvares os ensine seu ofício ou de sua mão os porá e mandará ensinar a alguns outros ofícios que lhe parecer bem.*”<sup>58</sup>

### **Cornélio de Arzão, construtor da Igreja Matriz de São Paulo e vítima da inquisição.**

Cornélio chegara à capitania de São Vicente, na companhia de Dom Fernando de Sousa, para edificar os engenhos das minas da Vila de São Paulo, com 200 cruzados anuais de salário.<sup>59</sup>

Acusado de práticas judaizantes, a partir de 1617/18 foi processado. Preso em 1620, foi levado para Portugal, ficando encarcerado em Setúbal. Posteriormente foi solto. Saiu da prisão, onde ficou preso, direto para o navio com destino ao Brasil. Seus bens foram sequestrados em 1628, em consequência de pena de excomunhão

---

<sup>57</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. II, p.37.

<sup>58</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. II, p.25.

<sup>59</sup> D. Francisco de Sousa, sétimo governador geral do Brasil, foi nomeado por Felipe II, entre 1608 e 1611 capitão- geral e superintendente das capitanias do Sul, em São Vicente, onde morreu.

lançada pelos padres da Companhia de Jesus. Não foi provado que Cornélio fosse judeu. Lembramos que ele, procurado para a construção da igreja Matriz de São Paulo, parada há algum tempo, porque ninguém conseguia construí-la, aceitou a incumbência e realizou o trabalho.

Na sessão da Câmara da Vila de São Paulo de 24 de agosto de 1610, Cornélio, presente nessa sessão, acertou a construção da igreja, com os oficiais da Câmara

da maneira seguinte que ele dito Corneles de Azan queria fazer a igreja matriz desta vila e se obrigava a isso dando-lhe todas as madeiras necessárias conforme a um rol que delas tem dado e toda a mais madeira que pedir para a dita igreja e outrossim se lhe darão toda a pregadora e ferragem que se houver mister para o corpo da igreja e capela e sacristia e que outrossim lhe darão quatro moços do gentio da terra para o servirem e ajudarem enquanto a obra durar e gente que fosse necessária para levantar as madeiras e estando toda a obra acabada ser avaliada por dois homens juramentados a saber que ele apresentará um e os oficiais da câmara se louvarão em outro e aquilo que avaliarem se lhe pagara a saber a terça parte em ouro, e as duas partes em pano de algodão a oito vinténs a vara e cera a três vinténs o arratel e em carnes e raxetas e gado cada cousa no valor a que valer a qual obra de dito mestre se obriga a começa-la a trinta de agosto presente atrás declarado e não largar mão da dita obra até ser acabada...<sup>60</sup>

Pelo acerto entre os oficiais da Câmara e Arzão, aqueles deveriam dar todo o material necessário para a execução da obra e deveriam pagar conforme especificação feita pelo construtor.

---

<sup>60</sup> Atas da Câmara da Vila de São Paulo, 1596-1622. Publicação oficial do Arquivo Municipal de São Paulo. Vol. II. Séculos XVI e XVII. São Paulo: Duprat e Cia. 1915.)

Cornélio de Arzão não recebeu todo o valor combinado. Perdeu até mesmo a sesmaria com uma “légua de terras em quadra”; que recebera no Cubatão.<sup>61</sup>

Conforme o Auto do Inventário da fazenda mandado fazer pela Inquisição no ano de 1628, o fato ocorreu da seguinte forma:

Em 02/04/1628, no termo da vila de São Paulo, capitania de São Vicente, aonde chamam de Piratiabae roça e fazenda de Cornélio de Arzão, onde veio o juiz ordinário da dita vila, Francisco de Paiva trazendo consigo Miguel Ribeiro, meirinho da Santa Inquisição, por ordem e mandado do senhor inquisidor Luiz Pires da Veiga, trazendo mais consigo a mim tabelião... e o tabelião Simão Borges Cerqueira, e sendo aqui, nesta dita fazenda à MEIA NOITE pouco mais ou menos chegando as portas da casa do dito Cornélio de Arzão logo o dito meirinho Miguel Ribeiro bateu à porta da dita casa dizendo que da parte da Inquisição lhe abrissem a porta a qual foi aberta pela mulher do dito Cornélio de Arzão, Elvira Rodrigues e juntamente um irmão seu por nome Pero Rodrigues Tenório e sendo aberta a porta da dita casa logo, pelo meirinho Miguel Ribeiro, e o dito juiz Francisco de Paiva lhe foi mandado, da parte da Santa Inquisição entregasse as chaves da dita casa e de todas as caixas que tivesse e declarasse toda a fazenda que nela havia.<sup>62</sup>

Passaram a noite toda, até a manhã seguinte na casa relacionando e inventariando os bens. Pela manhã foi chamado Balthazar Gonçalves Malio e seu genro Miguel Garcia Carrasco, vizinhos de Cornélio para que, debaixo de juramento, bem e verdadeiramente avaliassem toda a fazenda que lhes fosse mostrada para se botar no Inventário.<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo. Apontamentos históricos, geográficos, biográficos e noticiosos da Província de São Paulo. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980. P.205-6

<sup>62</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. 12, p.71/72

<sup>63</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. 12, p.72/73

De acordo com a lista feita pelo Meirinho da Inquisição em 1628, Arzão possuía as seguintes propriedades:

*Carta de data de sesmaria de meia légua nos matos do Bihi ? (Embu mirim?)*

*Casas defronte a casa do vigário;*

*Umas terras em Bohi; (Embu?)*

*Sessenta e seis braças de terras em Ibirapuera;*

*Chãos na banda de Santo Antonio;*

*Cinco braças de chãos em Santos;*

*Terras em Bohi compradas de Matias de Oliveira;*

*Uma légua no Covatão (Cubatão) mirim correndo para Piaçaguera e*

*Um conhecimento<sup>64</sup> pelo qual Miguel Gonçalves Correia, que era ido ao Peru, devia 16\$000 ao dito preso.*

Arzão tinha ainda engenhos de açúcar e de moagem de trigo em São Paulo.

O total arrecadado com mais de quatro grandes leilões, além de outros pequenos foi de 83\$250 réis.

Tudo foi tirado de Cornélio de Arzão, homem influente e respeitado na cidade. Até 21 de abril de 1628 Cornélio ainda estava preso.

---

<sup>64</sup> Significa: um bilhete, um recibo.

Muitas das peças, produtos e bens leiloados foram adquiridos por João Paes para a viúva de Cornélio, que comprava aquilo que lhe pertencia.

Um fato interessante e que mostra o poder temerário da Inquisição é que, embora Arzão não tivesse recebido todo o pagamento do trabalho realizado por ele na reconstrução da Igreja Matriz da Vila, a Inquisição cobrou e recebeu dos oficiais da Câmara responsáveis pela obra realizada em 1610 o que deviam ao construtor.

Dinheiro, joias, ouro, prata desapareceram. Após a soltura de Arzão, por não se provar ser ele judeu, seus bens não retornaram para suas mãos, pois haviam sido adquiridos por outrem.

Depois de muito trabalhar para se reerguer, morreu em 1638. Seu Inventário feito em 1638 registra um patrimônio de 562\$740.

Elvira ainda vivia em 1672, ocasião em que possuía casa defronte ao convento de São Francisco.

Consta no Inventário de Cornélio Arzão, feito em 01 de abril de 1638, que ele e Elvira tinham seis filhos:

- Maria nascida em 1613.
- Manuel nascido em 1616.
- Ana Rodrigues de Arzão casada com Belchior de Borba<sup>65</sup>, sertanista de São Paulo que fez parte na bandeira de João Mendes Geraldo. Essa entrada em 1645 atingiu o sertão dos guaianás e regressou no ano seguinte.<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> Tio avô do famoso Bandeirante Borba Gato, pois Belchior era irmão de Beatriz de Borba Gato, avó do Capitão de Mato Manuel de Borba Gato.

<sup>66</sup> CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil: séculos XVI, XVII, XVIII. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo EDUSP. 1989. p. 77.

- Susana.
- Braz Rodrigues de Arzão; mais tarde Capitão Mor.
- Cornélio Rodrigues de Arzão (falecido em 1684)

Manoel de Arzão casou-se com Maria Afonso (Maria Azevedo), em 13 de janeiro de 1642 na Sé de São Paulo. Em 06/10/1677 Manoel recebeu provisão para assumir o cargo de Capitão de Infantaria da Ordenança do Bairro de Santo Amaro, porque o posto estava vago. Diz o documento de nomeação, “*convém provê-lo [o cargo] em pessoa de pratica da disciplina militar e experiência da guerra: tendo nós considerado ao bem que todas estas partes e qualidades concorrem, na pessoa de Manoel Rodrigues de Arzão....*”.<sup>67</sup>

O Capitão Manoel Rodrigues de Arzão teve uma filha chamada Susana Rodrigues de Arzam, e vários outros legítimos e bastardos. Todos moradores em Santo Amaro, onde batizaram os filhos e onde faleceram: Manoel em 1720 e Susana em 04/05/1754, sepultada dentro da Matriz.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> <http://www.projetocompartilhar.org/SAESP/corneliodearzaol638.htm>. visitado em 06/03/2022.

<sup>68</sup> <http://www.projetocompartilhar.org/SAESP/corneliodearzaol638.htm>. visitado em 06/03/2022.

## A jovem Susana e o velho João Paes

Susana Rodrigues - a moça, quarta filha de Martim, ainda era solteira em 1619. Em 1631 já estava casada com João Paes.<sup>69</sup>

Pedro Taques de Almeida Paes Leme, em sua *Nobiliarquia Paulistana, Histórica e Genealógica* afirma que Suzana Rodrigues era natural de São Paulo.<sup>70</sup>

A vida política do marido de Susana foi intensa. Vale a pena conhecer um pouco de sua trajetória na administração pública da Vila de São Paulo.

Em 1624, no dia 26 de julho, João Paes fez juramento para servir como almotacel, (cargo de um mês de duração). Teria então 39 anos. Na sessão de 13 de abril desse ano, João Paes, e seu cunhado Clemente Alvares, presentes do lado de fora da Câmara, juntamente com inúmeras pessoas, após ouvirem a informação proclamada pelo oficial da Câmara, manifestaram-se contra a cobrança do quinto sobre os gentios descidos do sertão. Alegavam os presentes que por serem índios forros e libertos não poderiam ser levados para fora da Capitania contra a vontade deles. O assento escrito nessa sessão tem mais de 60 assinaturas.<sup>71</sup> João Paes, em 1625 foi eleito vereador em São Paulo.

---

<sup>69</sup> Alguns livros sobre a história de Santo Amaro afirmam que Susana Rodrigues e João Paes vieram com Martim Afonso de Souza. Essa afirmação e a de que Susana e João Paes doaram a escultura de Santo Amaro a nova capela em 1560, não tem nenhum suporte histórico. Tal afirmação levou Júlio Guerra a registrar em um monumento essa doação.

<sup>70</sup> LEME, Pedro Taques de Almeida Paes – op. cit. Tomo II, p.167

<sup>71</sup> ATAS DA CÂMARA DE SÃO PAULO. Vol. III. 1623 a 1628, p. 99/101

Após quase vinte anos afastado do poder, em 1644, João Paes faz juramento e toma posse, no dia 03 de janeiro desse ano, como vereador. A presença de João Paes foi constante durante todo ano até 31 de dezembro, e, inclusive, na sessão do dia 1º de janeiro de 1645, na abertura da Pauta e do Pelouro. Em 06 de julho de 1647 João Paes foi escolhido para Almotacel, e no ano seguinte, devido a morte do vereador que saiu no Pelouro, João Paes foi eleito, na câmara, com 16 votos (o mais votado) para vereador. Cumpriu todo seu mandato de 1648, até a primeira sessão do ano seguinte.

João Paes, em 1651 volta novamente à Câmara municipal como vereador, permanecendo até o final do mandato e na primeira sessão do ano seguinte. Como podemos ver, João Paes dedicou-se ao serviço da Vila de São Paulo por vários anos. Em 1657 foi nomeado juiz ordinário.<sup>72</sup>

Embora João Paes -o velho- tenha exercido vários cargos públicos, não descuidou de seus interesses econômicos familiares.

Em 04 de fevereiro de 1631, requeria ao juiz Paulo da Silva que entregasse a “*legítima*” a ele que tinha casado com a órfã Suzana Rodrigues, porque todas as filhas de Martim tinham recebido seus dotes, menos Suzana Rodrigues que precisava ser inteirada. O juiz dá

---

<sup>72</sup> GENEARC

<https://genearc.net/index.php?op=ZGVOYWxoZVBIC3NvYS5waHA=&id=NzUwMg==> Inventário de João Paes. Visitado em 06/03/2022.

sentença a favor de João Paes, a quem é entregue a fazenda que foi de seu sogro Martim Rodrigues.<sup>73</sup>

João Paes fora casado com Luiza da Gama, que morreu em 1615, mas só em 28/08/1633 o viúvo fechou as contas do inventário de sua primeira esposa, da qual herdara terras, inclusive com plantações de trigo.<sup>74</sup>

Pelo testamento de Luiza da Gama, à João Paes cabia metade do total da “fazenda”, ou seja 28\$650.<sup>75</sup>

A outra metade deveria ir para os dois filhos de ambos, Francisco e André.<sup>76</sup> O Inventário se arrastou por vários anos.

Susana Rodrigues e João Paes tiveram os seguintes filhos: Ana da Veiga, Antonio Paes, Sebastiana Rodrigues Paes, Martim Rodrigues Tenório de Aguillar e João Paes Rodrigues.

João Paes e Suzana Rodrigues que possuíam terras na região de Ibirapuera/ Santo Amaro são “apontados”, escreve Zenha, como fundadores da capela à qual teriam doado a imagem do abade beneditino Santo Amaro. Contudo esta constatação não é confirmada por nenhum dos historiadores e genealogistas por nós consultados. Zenha não afirma, apenas transcreve a informação, mas não indica

---

<sup>73</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. São Paulo: Publicação do Arquivo do Estado de S. Paulo. São Paulo, 1920, vol. II, p.47.

<sup>74</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Vol. III. Folhas 467 484. Publicação Oficial do Arquivo de Estado de S. Paulo. Typographia Piratininga. S. Pulo, 1920. Inventário de Luiza da Gama.

<sup>75</sup> Luiza havia feito seu testamento e posteriormente, em 09/07/1615, pediu ao tabelião para fazer um codicilo (uma alteração); morreu no mês seguinte.

<sup>76</sup> INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS, vol. IV. São Paulo. Tipografia Piratininga, 1920.

fontes. No livro Tombo da Paróquia da Sé consta somente que um morador teria doado a imagem.

Como vimos anteriormente, Martim Rodrigues Tenório de Aguilar anotou, em 15 de abril de 1605 em seu Livro de Assentos, no Item- Conta com as Confrarias, p. 62 a entrega de 10 arretéis de cera para o mordomo de Santo Amaro, o que significa que já havia uma capela dedicada a Santo Amaro, antes de Susana se casar com João Paes.

João Paes, morador na vila de São Paulo, em 10 de setembro de 1639 teve um Registro de uma carta de chãos de terra aprovado. No pedido ele diz que é filho e neto dos povoadores da vila e que

sempre com sua pessoa e fazenda acudiu nas ocasiões que se ofereceram e ora tem mulher e filhos que agasalhar e sustentar e **não tem nesta vila chãos** em que possa fazer suas casas para se agasalhar com sua família e porquanto estão uns chãos devoluto no rocio desta vila na paragem chamada Anhangubahi indo para virapoeira do caminho para baixo pelo que pede a vossas mercês lhe deem quarenta braças de chãos de testada vinte de quintal para fazer na dita paragem casas para si e seus filhos e filhas .../ damos ao suplicante as quarenta braças que em sua petição faz menção ... e se lhe passara sua carta hoje dez de setembro de mil e seiscentos e trinta e nove anos. Manuel Mourato, Pedro Fernandes, Aragonés Bueno, Sebastião Gil.<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> CARTAS DE DATAS DE TERRA (1601-1650) vol. II. Depto.de Cultura. Divisão de Documentação Histórica e social.1937. p. 136/7

Essas quarenta braças de chão devoluto no rocio da Vila de São Paulo localizavam-se na paragem denominada Anhangabaú, no caminho para Ibirapuera.

Recorrendo mais uma vez a Pedro Taques e sua Nobiliarquia ficamos sabendo que: “João Paes, o Velho, um dos nobres povoadores de São Paulo e maior que foi na sua fazenda do sítio de Santo Amaro, onde depois de muitos anos se erigiu a igreja desta capela em sua freguesia...”<sup>78</sup>

João Paes também teve papel de destaque na família de Martim Rodrigues. Em 1638, no dia 09 de novembro ele fez juramento e assinou como procurador de Elvira, viúva de Cornélio de Arzão e sua cunhada. No ano seguinte propõe a Elvira que, para que a fazenda do finado não ficasse desfalcada com a venda e entrega da parte que cabia a cada um dos filhos dela e de Cornélio, era mais conveniente que a viúva ficasse com tudo e se responsabilizasse pela sobrevivência dos órfãos seus filhos. Tal proposta teve a concordância de Manuel, filho de Arzão. Assim a fazenda foi toda entregue a Elvira que se tornou curadora dos filhos órfãos a partir de 21 de janeiro de 1639.

Os cinco filhos de Susana Rodrigues - a moça e João Paes, unindo-se a outras famílias, geraram uma gama de grandes personagens em Santo Amaro. Os filhos e genros de Susana Rodrigues (filha) dedicaram-se a entrada para o sertão em busca de riquezas minerais e mão de obra.

---

<sup>78</sup> LEME, Pedro Taques de Almeida Paes – op. cit. Tomo II, p.167

- **Ana da Veiga (1637-1712)** casou-se com Manoel Pacheco Gatto, natural da Ilha Terceira, nascido em 1622 e morto em 18/8/1692, em Santo Amaro, e filho de Manoel Pacheco Linhares e de Beatriz da Borba Gatto;
- **Antonio Paes (1620 – 1675)** casou-se com Ana da Cunha (Prado) (1622 – 1675), filha de João Gago da Cunha e Catharina do Prado (Vicente). Antonio Paes foi também sertanista;
- **Sebastiana Rodrigues, nascida após 1625, falecida em 1669**, casou-se João de Borba Gatto, nascido na Ilha Terceira, circa 1618, falecido após 1671, filho de Manuel Pacheco Linhares e de Beatriz da Borba Gatto;<sup>79</sup>
- **Martim Rodrigues Tenório de Aguillar** (--morto em 1654, em S.P.) casou-se com Sebastiana Ribeiro (1610 – 1646), filha de João Maciel Vicente e de Maria Ribeiro (Duarte) e depois com Magdalena Clemente de Alarcón Cabeça de Vaca, filha de Dom Francisco Rendon de Quebedo e Anna Ribeiro;
- **João Paes Rodrigues (...)** casou-se com Ana Maria Rodrigues Garcia, filha de Garcia Rodrigues Velho - o Filho, e de Maria Betim (Betting) e depois com Messia Ferreira Pimentel (de Távora) nascida em 1650 e morta em 28/12/1732. Ela era filha do capitão Marcelino de Camargo e de Mécia Ferreira Pimentel de Távora.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> O Testamento de Sebastiana Rodrigues Paes foi feito 15/08/1669 e o Inventário em 08/03/1670.

<sup>80</sup> SILVA LEME, Luiz Gonzaga. Genealogia Paulistana. Vol. IV – Tenórios p.428 a 508.

Santo Amaro foi, portanto, uma região profícua em sertanistas, ferreiros e bandeirantes. As mulheres da grande família de Martim Rodrigues se casaram com grandes sertanistas.

### **Considerações finais**

A região de Santo Amaro, no século XVI e XVII caracterizou-se por ser uma área de agricultura de subsistência, com reduzida parcela de mão de obra indígena. O pouco excedente de farinha de mandioca, feijão, trigo e outros itens era enviado para o litoral e zonas próximas e não dava lucro, este advinha do aprisionamento e comércio de indígenas. Assim os povoadores marchavam para o sertão. Alguns, como Manoel de Borba Gato, encontraram ouro, prata, esmeraldas. Muitos iam, nem todos voltavam como Martim Rodrigues Tenório e outros.

Manoel de Borba Gato, casado com uma filha de Fernão Dias, pai de três filhas, com vinte e cinco anos saiu de Santo Amaro. Após ter ficado cerca de 20 anos explorando o sertão de Minas, voltou para São Paulo para pegar sua família e levar para o sítio em Paraopeba, onde viveu. Teve significativa participação na administração da vila de Sabará, onde foi juiz e faleceu em 1734.

Os nomes desses sertanistas estão registrados nas ruas do distrito de Santo Amaro, de outros vizinhos e ainda em uma grande escultura.

Susana Rodrigues, a filha órfã, deixada por Martim Rodrigues Tenório tem seu nome registrado em uma rua do bairro e em uma escultura.

Santo Amaro, bairro, freguesia e depois vila do Município, não corresponde ao atual distrito/bairro paulistano. Cada uma dessas definições corresponde a espaços diferentes.

Ao longo da história de São Paulo, o sentido espacial do termo Santo Amaro teve vários significados. Enfim, hoje, o que significa Santo Amaro? O termo evoca o antigo Município (com 640km<sup>2</sup>) nascido em 1832 e em 1935 anexado ao Município de São Paulo.

## **REFERÊNCIAS**

### **Fontes**

Actas da Camara da Cidade de São Paulo, vol. I, 1562 – 1596. Publicação da Divisão do Arquivo Histórico. Século XVI, 2ª ed. 1967.

Actas da Camara da Villa de São Paulo, 1596 – 1622. Publicação oficial do Archivo Municipal de São Paulo, vol. II. Séculos XVI e XVII. São Paulo, Duprat & Cia. 1915.

Actas da Camara da Villa de São Paulo -1623 – 1628. Publicação oficial do Archivo Municipal de São Paulo, vol. III. Século XVII. São Paulo. Duprat & Cia. 1915.

CARTAS de Datas de Terra. São Paulo (1601-1650) vol. II. Departamento de Cultura. Divisão de Documentação Histórica e Social. 1937. P.136/7.

Fundo Assembleia Legislativa de São Paulo – FCGP. FALP - 033. CF 41.104.1

Inventários e Testamentos vol. II. Publicação do Arquivo do Estado de S. Paulo. São Paulo, 1920.

Inventários e Testamentos vol. III. Folhas. Publicação Oficial do Arquivo do Estado de S. Paulo. Typographia Piratininga. S. Paulo, 1920.

Inventários e Testamentos, vol. IV. Publicação Oficial do Arquivo do Estado de S. Paulo. Typographia Piratininga, 1920.

Inventários e Testamentos, vol. XII. Publicação Oficial do Arquivo do Estado de S. Paulo. Typographia Piratininga. 1921.

Inventários e Testamentos vol. 44. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia; Departamento de artes e Ciências Humanas; Divisão do Arquivo do Estado de S. Paulo. S. P. 1977. Inventário de Maria Tenória – 1620.

SESMARIAS. Vol. I. Documentos do Arquivo do Estado de São Paulo, S.P. Typographia Piratininga. 1921.

<https://sao-paulo-estadao.com.br>blogs>blog-da-garoa>. responsável Pablo Pereira. Inventário de Damião Simões. Visitado em 06/03/2022 e outras datas.

<http://www.projetocompartilhar.org/SAESPp/indiceSAESPp.htm> - Visitado em 07.03.2022 e outras datas.

<https://www.genearc.net/> - Visitado em 07.03.2022 e outras datas.

## **Bibliografia**

BELMONTE, Benedito Carneiro Bastos Barreto. No tempo dos bandeirantes. 4ª Edição. São Paulo: Melhoramentos. 1998. Edição facsimilar.

CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. Bandeiras e bandeirantes. Cia. Ed. Nacional, 1940.

\_\_\_\_\_ Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil: séculos XVI, XVII, XVIII. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo EDUSP.1989. p.77.

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica.5ª ed. BH Ed Itatiaia; SP EDUSP. 1980, Tomo II.

MACHADO, Alcântara – Vida e morte do bandeirante. Martins, São Paulo, 1953.

MEDEIROS, Décio Martins e JUNQUEIRA, Regina Moraes. Os Borba Gatos em São Paulo- séculos XVII e XVIII. Revista da ASBRAP, nº16. PDF.

PERALTA, Inez Garbuio. Cemitério de Santo Amaro. Segredos ainda não revelados. São Paulo. Ed. Autor. 2019

PERALTA, Inez Garbuio. Artigo - Escravo, a mão de obra desconhecida em Santo Amaro/SP, no século XIX. Revista em Sintonia. Ano X, nº 110, dezembro de 2016. P.02 a 04.

PORCHART, Edith. Informações históricas sobre São Paulo no ano de sua fundação. Ed. Iluminuras, 1993

RICARDO, Cassiano. Marcha para oeste. 4ª ed. Univ.de São Paulo, José Olímpio Ed. Rio de Janeiro, 1970. Vol. I.

ROPPELATO, Luciene. Prototipagem 3D: Processo de animação do tecido com o objetivo virtual em movimento. Dissertação de mestrado.U.F.de Santa Catarina. Florianópolis, 2015. Texto digitalizado em PDF. Item 2.2. Trajes e tecidos do século XVII(Brasil) baseado nas obras de Alcântara Machado (1978) e Belmonte (1948).

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Org.) [et al.] História de São Paulo colonial. São Paulo: Unesp, 2009.

SILVA LEME, Luiz Gonzaga. Genealogia Paulistana. Vol. IV – Tenórios. P.428 a 508.

TAUNAY, A. de E. apud RIBEIRO, Maria da Conceição Martins. A vida urbana paulistana vista pela administração municipal-1562-1822. Minha editora, Barueri, S.P., 2011.

TAUNAY, Affonso de E.- História das Bandeiras Paulistas, 2ªed. Tomo I. São Paulo: Melhoramentos. [1961]

ZENHA, Edmundo. A Vila de Santo Amaro. Edição do autor. São Paulo. 1977.